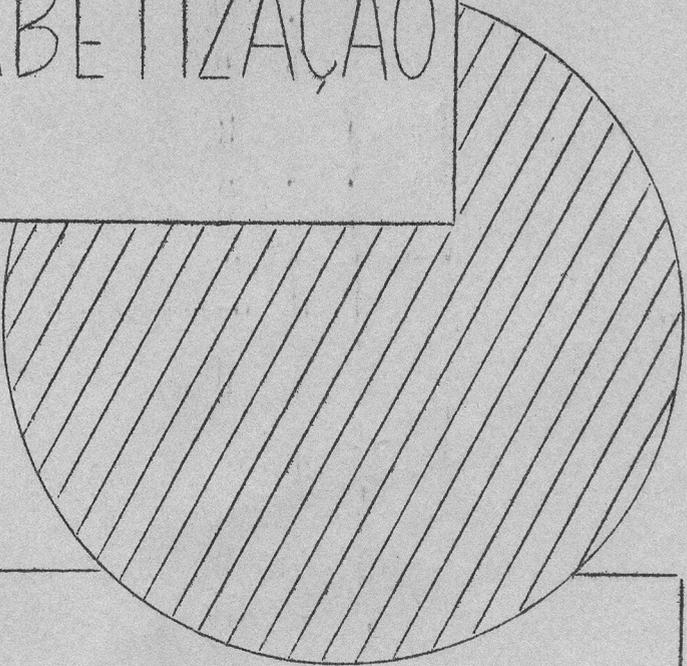


GB - 67



A ALFABETIZAÇÃO



nas Classes Especiais de AE

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA

DIVISÃO DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA FUNDAMENTAL

SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO E CONTROLE DO ENSINO PRIMÁRIO OFICIAL

SEÇÃO DE ENSINO ESPECIAL

SETOR DE DEFICIENTES MENTAIS

Publicação 1/67

Organização: . MARLENE CONCETTA DE OLIVEIRA ALMEIDA
Orientadora de Classes Especiais
do Setor de Deficientes Mentais

Ilustração : . MARLENE CONCETTA DE OLIVEIRA ALMEIDA
. MARIA AMÉLIA DE CARVALHO
Orientadora de Classes Especiais
do Setor de Deficientes Mentais

Depois de vencidos os períodos: preparatório e informal da aprendizagem da leitura, defrontamo-nos com mais uma etapa: o período formal, no qual levaremos nosso aluno à aprendizagem sistemática da leitura.

Nosso primeiro cuidado será, então, selecionar o método de alfabetização a ser empregado. De um modo geral, podemos classificar os métodos em dois grandes grupos: Sintético e Analítico. Embora todos êles incluam o reconhecimento de frases e palavras e a discriminação de seus elementos (sílabas e letras), a diferença técnica consiste na seqüência e no modo de apresentação. À proporção que a aprendizagem da leitura progride, os processos de análise e de síntese se confundem e se interpenetram, uma vez que ler é um processo analítico-sintético.

A) O Método Sintético parte dos elementos mais simples (letra, fonema ou sílaba) e os combina para formar palavras e sentenças.

Os processos utilizados são:

- . alfabético;
- . fônico;
- . silábico.

O fato de reunir os elementos aprendidos em conjuntos significativos, dificilmente leva a criança ao interêsse, pois sons e letras isoladas nada significam. Precisaremos, então, recorrer a recursos artificiais de incentivo, não conseguindo, muitas vezes, interessar a criança pela leitura em si.

Além disso, não bastam os símbolos do alfabeto para indicar todos os variados matizes sonoros da linguagem, pois numa só palavra, como: cama, a mesma letra a é pronunciada de formas diferentes.

Outra grande dificuldade encontrada é que, ao associar o nome da letra com a vogal, a criança, ao ler, pela primeira vez, a palavra casa, diz: " cê, a (sa) esse, a (sa) - sasa " ; a palavra, tornando-se irreconhecível, leva o aluno a hesitar, voltar atrás, até achar a palavra certa.

Mais uma prática comum é a de ligar uma consoante a tôdas as cinco vogais: ba , be , bi , bo , bu . Pesquisas realizadas demonstram que êste exercício dificulta a fixação pela acumulação de sílabas parecidas. Além disso, essa preocupação de esgotar combinações fonéticas faz com que apresentemos à criança palavras fora de seu vocabulário: dádiva , lema , maca ...

No processo Fonético, levamos a criança a fixar-se num som comum, contido em palavras, como: dado , dava , dália. Êste tipo de exercício não deve ser utilizado no início da aprendizagem, pois sabemos que as percepções visuais precedem as percepções auditivas - observações realizadas demonstram que a visão se desenvolve mais rapidamente que a audição; enquanto uma criança de 4 a 6 meses reconhece o rosto de seus pais, só os reconhece pela voz com cêrca de 3 anos, 3 anos e meio. Encontramos crianças incapazes de reconhecer um mesmo som em uma série de palavras pronunciadas, embora executem, com certa facilidade, exercício visual correspondente : marcar a mesma letra num texto.

Finalmente, êstes processos, levando a criança a ler a palavra: letra por letra , sílaba por sílaba , limitam o campo visual do aluno, favorecem os movimentos regressivos e conduzem, na maioria dos casos, ao vício da soletração, tornando a leitura lenta, inexpressiva, cheia de pausas, o que prejudica grandemente a compreensão, pois é muito difícil o condicionamento do sentido ao que é lido desta maneira, mecânica e fragmentadamente.

B) O Método Analítico parte de elementos significativos (palavras, sentenças ou contos) e os analisa em suas diferenças e semelhanças, conduzindo ao conhecimento dos elementos fonéticos.

Os processos utilizados são:

- . palavração;
- . sentencição;
- . contos;
- . unidades de experiências.

É um princípio pedagógico indiscutível: - é necessário partir do simples para o complexo, do concreto para o abstrato - e

para a criança, o simples é a frase, a palavra. Reconhecemos uma pessoa pelo seu conjunto, antes de reconhecermos partes isoladas : olhos, nariz, bôca ... Os processos atuais de ensino de leitura baseiam-se no caráter sincrético e globalizador do pensamento infantil e possuem, como objetivo principal: a compreensão.

Empregando qualquer dêstes processos, podemos selecionar, com maior facilidade, palavras, sentenças e textos que atendam aos interesses de nosso aluno, levando-o assim, a se interessar pela própria atividade de leitura, sem que para isso seja necessário utilizar incentivos artificiais.

A leitura de conjuntos significativos leva à associação do conjunto sonoro ao todo visual e ao sentido, fixando o ritmo, o valor e a seqüência dos sons. Assim, a leitura é mais rápida, apresenta menor número de regressões dos movimentos oculares, possibilitando, dessa forma, uma melhor compreensão.

Embora os processos dos Contos e o de Unidades de Experiências apresentem a unidade de sentido de forma mais completa, levando o aluno a evocar auditiva e visualmente a história ou parte dela, observamos que a memorização inicial das frases pode levá-lo a evocar auditivamente a história, sem acompanhar a escrita que lhe corresponde; percebemos ainda, que qualquer palavra da frase pode evocar tôda a sentença. Estas mesmas críticas são também feitas ao processo de Sentenciação.

Como foi exposto, todos os processos possuem pontos positivos e negativos. Acreditamos que a melhor forma de alfabetizar é a de utilizarmos, de cada processo, os bons aspectos, lembrando-nos sempre que os processos de ensino devem ser adequados ao tipo e possibilidades de cada aluno. É preciso que "estudem sistematicamente a criança, que verifiquemos o mecanismo mediante o qual as noções são melhor adquiridas, que amenizemos as dificuldades que experimenta, que verifiquemos suas causas e procuremos meios de diminuí-las" - Decroly. É também muito importante que estejamos seguros, que acreditemos realmente no processo adotado e que levemos a criança a sentir que a leitura comunica, informa e recreia.

Inúmeras foram as experiências realizadas em nossas Classes Especiais de AE, com o emprêgo do processo da Palavrasção Funcional (assim denominado porque emprega palavras de real interêsse da criança) e o êxito foi grande; porisso, aconselhamos sua aplicação. Sabemos, no entanto, que há casos perticulares, como o do disléxico, em que o processo adequado é o fonético.

A Palavrasção apresenta a grande vantagem da concretização do ensino; ao mostrarmos a palavra bola, o aluno estará, ao mesmo tempo, segurando uma bola, apalpando-a, vendo-a, ouvindo seu nome, vendo sua representação gráfica.

Partimos de um "todo": de palavras escolhidas dentro do interêsse da criança e que podem ser fácilmente concretizadas. Elas são reconhecidas sem que a criança conheça os elementos que as compõem: os sons isolados. Cada palavra forma um desenho que, sendo apresentado de uma forma viva e atraente, é associado fortemente ao objeto ou ação que representa.

A Palavrasção facilita a leitura de conjuntos novos, pelo a crêscimo de verbos às palavras conhecidas. Sentenças formadas pela combinação de vários substantivos com a mesma frase ou verbo, fixam o reconhecimento, sem repetir o pensamento.

Nas frases:

Onde está minha bola?

Onde está meu caminhão?

ao destacarmos: bola e caminhão para o reconhecimento, a seqüência das outras palavras é memorizada como um todo indivisível.

Finalmente, a combinação variada de palavras conhecidas facilita o reconhecimento e torna possível a leitura de textos novos, conduzindo a criança ao hábito de colhêr o pensamento da página impressa.

Transcreveremos, a seguir, as várias etapas que poderemos percorrer durante o desenvolvimento do processo.

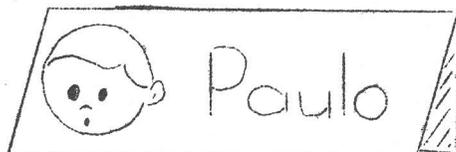
I - LEITURA GLOBAL1. Reconhecimento do próprio nome.

Utilizamos, para isso, o nome da criança relacionado a jogos, saudações e verbos familiares.

Atividades:

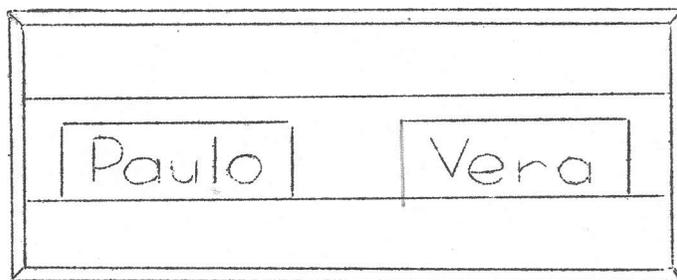
- Confeccionar tiras de cartolina com os nomes das crianças, para serem colocadas nas respectivas carteiras.

Exemplos:



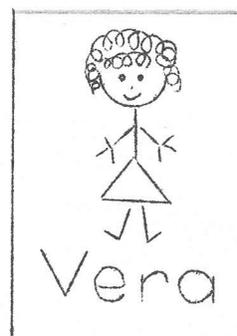
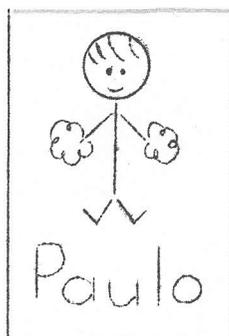
- Fazer a chamada no quadro de pregas: cada criança, ao chegar, procura o cartão com seu nome, entre os vários existentes sôbre a mesa do professor e o coloca no quadro de pregas.

Exemplo:



- Organizar uma galeria de auto-retratos.

Exemplo:



- . Pedir à criança que dramatize frases simples, escritas no quadro-negro.

Exemplos:

Bom dia, Paulo.

Paulo corre.

Paulo canta.

Chamar outra criança para dramatizar as mesmas frases, agora com seu nome.

Bom dia, Vera.

Vera corre.

Vera canta.

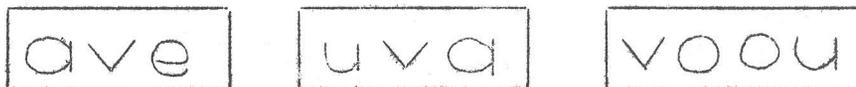
2. Reconhecimento visual de substantivos significativos.

Os substantivos desempenham papel importante desde o início da linguagem oral da criança; escolheremos, então, palavras de fácil concretização, referentes à vida infantil, de preferência retiradas de experiências ou histórias inventadas pela criança; é também importante atentarmos para suas possibilidades, seu desenvolvimento em linguagem oral e seus interesses dominantes.

Na escolha deste vocabulário básico de leitura, devemos ainda obedecer à lei do contraste e da semelhança, apresentando palavras de perfis contrastantes, como:

bola sapata mala

A identidade de perfis dificulta a discriminação; isto acontece freqüentemente nas cartilhas, cujas palavras iniciais são:

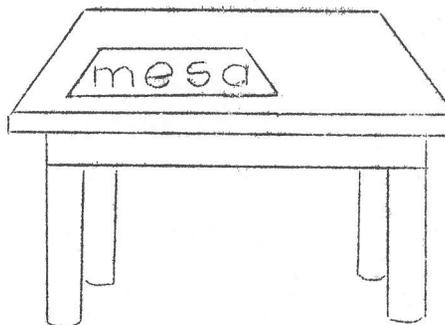


As palavras novas devem ser introduzidas gradativamente e repetidas em leituras e jogos variados, para facilitar a fixação.

Atividades:

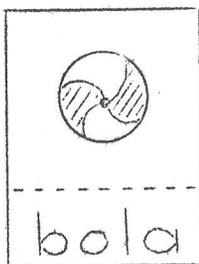
- Colocar etiquetas nos objetos da sala de aula.

Exemplo:

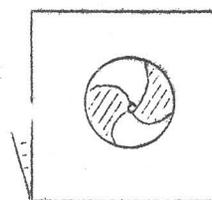


- Organizar um "Cantinho", onde são colocados cartões com palavras aprendidas ao lado dos objetos correspondentes.
- Confeccionar cartões dobrados.

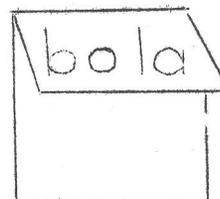
Exemplo:



Perguntar: -Que é isto?



-Bola.



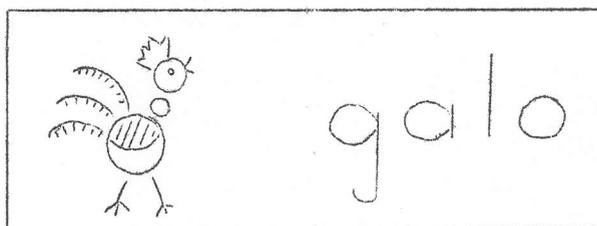
-Que é isto?

-Bola.

MCOA/

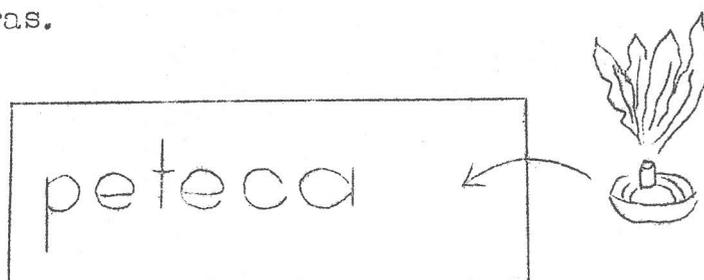
- Confeccionar um fichário, onde são colados objetos ou gravuras, ao lado das palavras.

Exemplo:



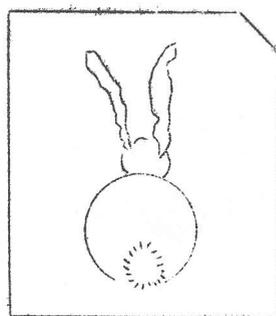
- Pedir à criança para colocar objetos sôbre cartões com palavras.

Exemplo:

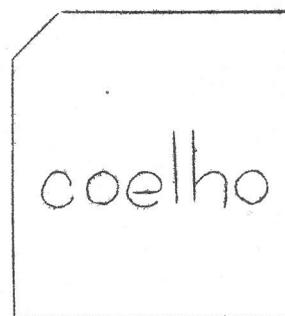


- Confeccionar cartões-relâmpago, que poderão ser aproveitados, mais tarde, para ditado.

Exemplo:



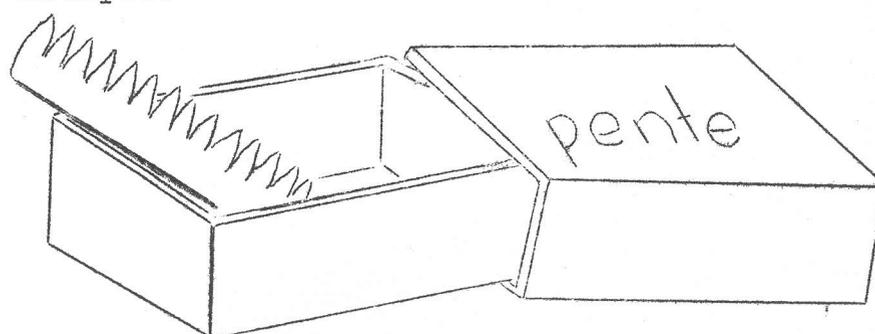
frente



verso

- Organizar um jogo de acasalamento, utilizando caixinhas de fósforos forradas pelos alunos e objetos ou gravuras.

Exemplo:



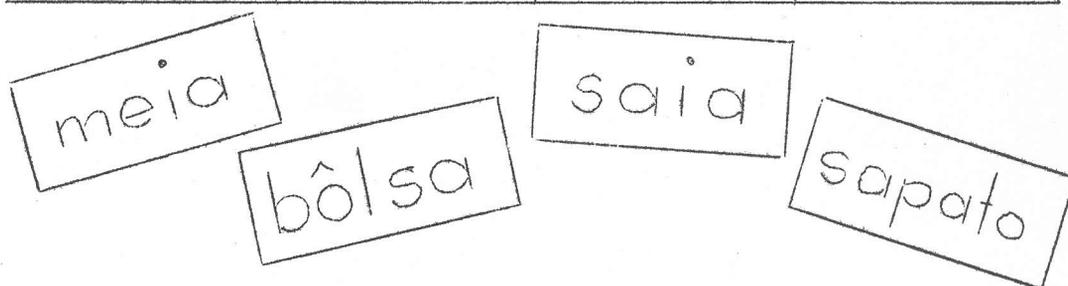
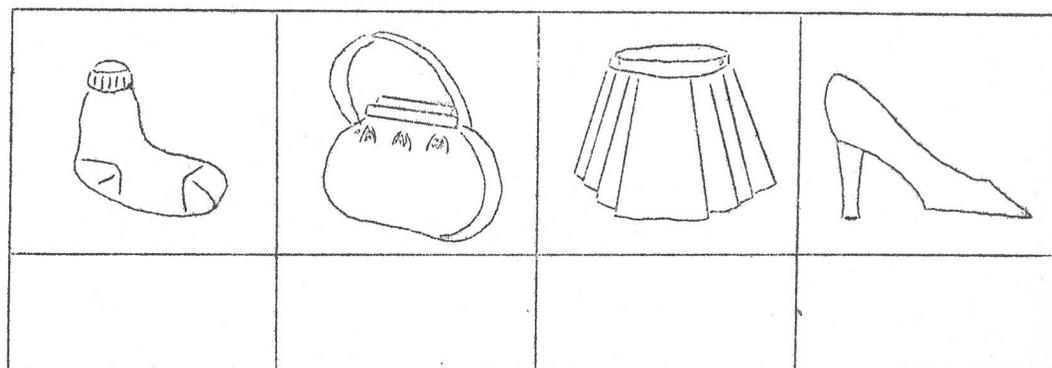
- Apresentar cartões em que as palavras são cobertas por um pedaço de plástico ou pano. Estes cartões são muito usados como fonte de consulta: a criança, ao fazer um exercício, pode recorrer às fichas quando tiver alguma dúvida.

Exemplo:



- Organizar lotos.

Exemplo:



- Organizar álbuns: Meus Brinquedos, Animais, Minha Família ... utilizando recortes ou desenhos das crianças e escrevendo as palavras correspondentes.

3. Leitura de frases simples e curtas.

Estas frases devem ser constituídas de substantivos já conhecidos, relacionados a verbos, em combinações variadas, a fim de evitar a memorização da seqüência das palavras. O aluno deve aprender a identificar a mesma palavra em várias combinações.

Exemplo:

Paulo corre.

Vera corre.

Paulo pega Vera.

O verbo só tem significado para a criança, se estiver ligado a um sujeito. Deve estar sempre no presente e ser de fácil concretização, o que é básico para sua significação e para despertar o interêsse da criança. Devemos também apresentar um verbo de cada vez e acrescentar outros à medida que os anteriores tiverem sido fixados.

Atividades:

- Pedir a uma criança que dramatize uma determinada ação e que os colegas digam o que está acontecendo.
- Que Paulo faz ?
- Paulo joga bola.

Reproduzir no quadro de pregas:

Paulo	joga	bola	.

Substituir bola por outras palavras, como: peteca, boliche ...

- . Combinar frases com gravuras correspondentes.
Exemplos:



Vera segura a bola.



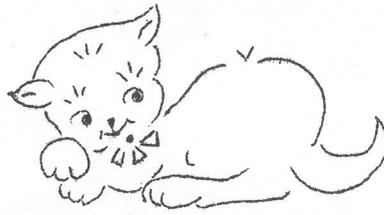
Paulo solta pipa.

4. Apresentação da primeira página do livro básico.

A orientação sistematizada da alfabetização deve ser desenvolvida através de um livro básico. Nas Classes Especiais de AE, é importante que êle seja organizado pelo próprio professor, pois dificilmente encontraremos um livro impresso que atenda ao nível de aprendizagem de nossos alunos, tão diferentes entre si.

Esta primeira página apresenta frases com palavras já aprendidas, organizadas em novas combinações. Dessa forma, a criança verifica que é capaz de colhêr o pensamento da página impressa, sem que para isto tenha de dispender grande esforço e sente-se motivada em ler novos textos.

Exemplo:



Mimi é um gato.

Mimi pula.

Mimi corre.

O gato faz: miau, miau, miau...

Os livros de leitura devem ser formados de histórias que se refiram a outras crianças, aos seus brinquedos, aos seus animais. São histórias reais ou imaginárias, mas devem ter sempre: ação, suspense e surpresa. Devem também apresentar ilustrações sugestivas, que estejam de acordo com o texto, para facilitar a compreensão; elas são colocadas acima ou abaixo dos textos, mas nunca cortando-os.

Nesta primeira fase, as frases são curtas; as linhas devem ter sentido completo, pois a criança sente dificuldade de levar o sentido à linha seguinte.

As frases são dispostas em linha horizontal, para favorecer o movimento ocular da esquerda para a direita e

nunca dispostas:

. em coluna: Mimi
é
um
gato.

. em escada: Mimi
é
um
gato.

5. Apresentação de novas páginas do livro de leitura.

As fôlhas do livro de leitura devem ser entregues uma de cada vez, à proporção que o aluno vai dominando os textos anteriores, o que manterá seu interêsse e sua curiosidade,

A introdução de uma nova página requer uma preparação inicial, ligando-a sempre às anteriores e com apresentação cuidadosa das palavras novas que possam existir.

As fôlhas são colecionadas até completarem o livro, cuja capa poderá ser ilustrada pela própria criança.

6. Apresentação de leituras complementares.

O livro de leitura não deve ser o único meio auxiliar de ensino; é também necessário o emprêgo de variado material suplementar, apresentado em cartazes, fichas ou fôlhas de papel mimeografadas. Neste último caso, podemos organizar, com a colaboração das crianças, pequenos livros por elas ilustrados, que farão parte da biblioteca de classe.

Estas leituras suplementares apresentam o vocabulário empregado anteriormente, disposto em formas diferentes e devem estar sempre dentro das possibilidades de compreensão do aluno, para que êle se sinta capaz de lê-las independentemente; assim, estaremos desenvolvendo a leitura silenciosa e criando o hábito de freqüência à biblioteca.

II - ANÁLISE FONÉTICA

O trabalho de análise fonética, cujo objetivo principal é o de oferecer à criança independência ao se defrontar com palavras novas, deve ser:

- . funcional, isto é, relacionado ao material de leitura da criança;
- . realizado sem preocupação de seqüência alfabética, cujo conhecimento virá, posteriormente, como noção complementar;
- . iniciado depois que o vocabulário de leitura da criança tenha atingido cêrca de 50 palavras; no entanto, há crianças que chegam a 200 palavras sem estarem, ainda, aptas à análise fonética, daí a necessidade de uma freqüente e cuidadosa observação dos progressos de cada aluno;

- . realizado em períodos constantes, porém curtos, sob aspecto lúdico, a fim de evitar o desinterêsse;
- . desenvolvido através de etapas, que podem ser resumidas em:

1. Análise visual-sonora.

É necessário que a criança compreenda que, aos sons da palavra falada, corresponde uma seqüência determinada de sílabas e letras; para isso, recorreremos à escrita, pois ela é o instrumento principal de análise, deixando que o aluno veja aparecer aos poucos a forma visual da palavra, associada à melodia oral correspondente.

Fazemos a "preguicinha", isto é, escrevemos no quadro-negro, por exemplo, a palavra mala, bem devagar, levando os alunos a acompanharem oralmente a escrita que realizamos. Depois, pedimos que um grupo siga a escrita que fazemos e que, no final, o outro grupo leia a palavra toda, normalmente. Assim, a seqüência sonora de sílabas e letras é aprendida dentro do todo visual conhecido, sem modificar a qualidade dos sons ou romper o contôrno familiar.

No início, não devemos rasgar a palavra em sílabas ou letras, pois as partes separadas do conjunto tendem a perder o seu valor original.

Para treinamento da análise visual-sonora, podemos utilizar versinhos ritmados.

Exemplos:

- A) Bate, bate, bate
 Bate pão de ló
 Bate direitinho
 De uma banda só.

- B) Macaquinho, macaquinho { bem rápido
 Pula, pula sem parar {
 A girafa de mansinho { lento
 Vai andando devagar {
 Elefante bem pesado { bem lento
 Quase não sai do lugar. {
- C) O gatinho pula - pula, pula, pula, pula { depressa
 O gatinho corre - corre, corre, corre, corre {
 O gatinho está com sono { devagar
 O gatinho vai dormir. {
- D) Dividir a turma em dois grupos: um diz uma parte e o outro diz as sílabas repetidas (depois trocam). Podem também acompanhar com palmas:
- . Eu tenho uma bo - la - la - la
 Muito boniti - nha - nha - nha
 Ela pula, pu - la - la - la
 Pula e cai sôzi - nha - nha - nha.
 - . Olha a bo - ta - ta
 Está na por - ta - ta
 Ela é tor - ta - ta
 Não impor - ta - ta.

2. Completamento analítico.

Nesta fase, começamos a escrever uma palavra no quadro-negro e as crianças vão enunciando os sons representados; interrompemos a escrita e elas devem indicar a parte restante, indo uma ao quadro para completar o vocábulo.

Este tipo de exercício pode ser realizado individualmente; devemos colocar o desenho ao lado da palavra in completa, a fim de auxiliar a sua resolução.

Exemplo:



bone.....

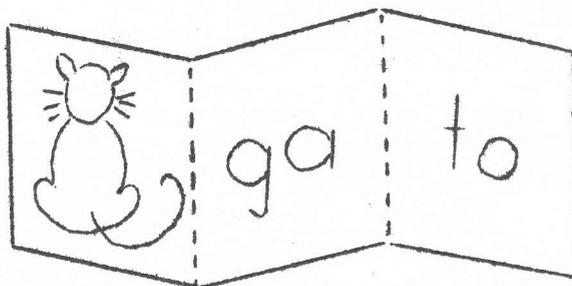
Aos poucos, vamos aumentando a dificuldade, aumentando o número de letras ou de sílabas a serem colocadas e assim a criança vai aprendendo a escrever palavras de cor, tendo o conhecimento do valor sonoro de cada uma das letras.

No início da aprendizagem, não devemos apresentar ao aluno novas combinações fonéticas, mas levá-lo a relacionar cada letra ao respectivo valor sonoro pela análise de palavras conhecidas.

Atividades:

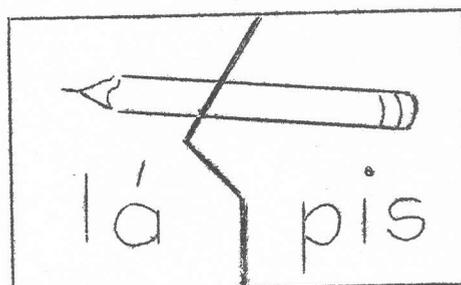
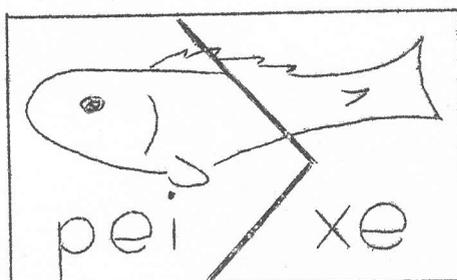
- Apresentar a sanfona fonética; à medida que a desdobramos, as sílabas vão aparecendo.

Exemplo:



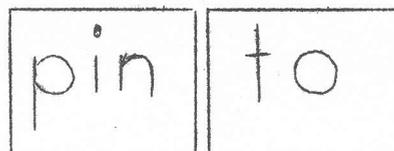
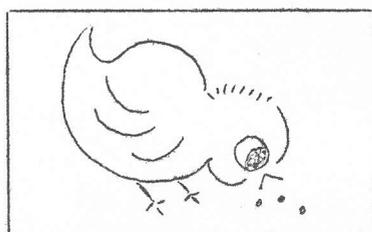
- Organizar cartões que, ao serem reunidos, formam a palavra.

Exemplos:



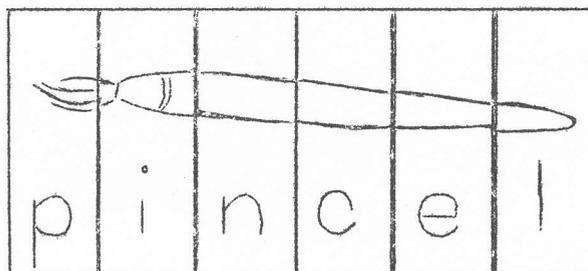
- Dar ao aluno cartões com gravuras e outros com sílabas, para que forme palavras.

Exemplo:



- Deixar que a criança componha palavras, pela união de cartões.

Exemplo:

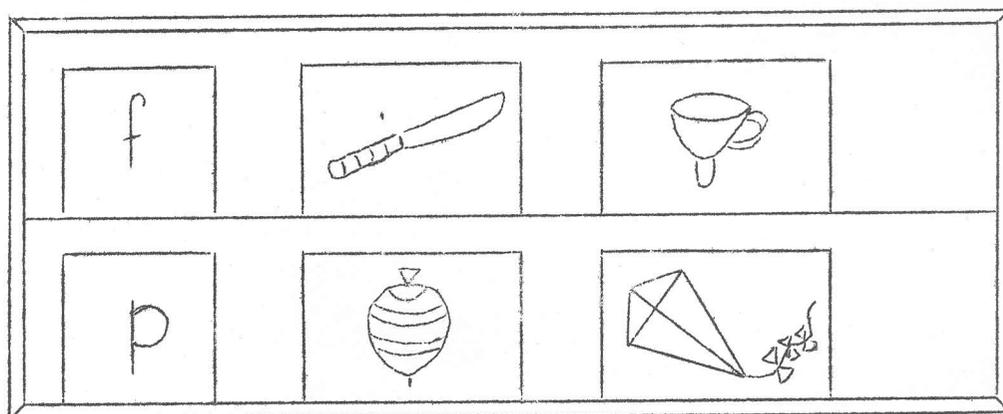


3. Descoberta das letras.

Levamos a criança a descobrir a mesma letra em palavras conhecidas, escritas no quadro-negro, em tamanho grande, com giz colorido. Só mais tarde êstes exercícios serão feitos no papel.

Devemos iniciar com as vogais, pois mesmo emitidas sòzinhas podem ser prolongadas; além disso, elas predominam pela sua duração e pela sua freqüência na com-

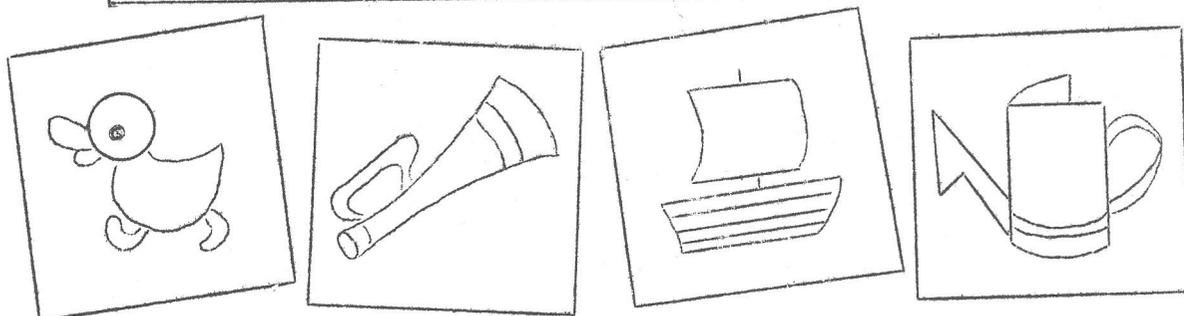
Exemplo:



- Utilizar o jôgo: "Lá vai um barquinho carregadinho de...". Os alunos, sentados em círculo, passam de um em um, um barquinho de papel, dizendo a frase acima, com palavras iniciadas pelo som escolhido anteriormente.
- Organizar um lôto, em que o aluno junta a gravura à inicial correspondente.

Exemplo:

p	c	b	r



- Levar a criança a ler palavras em que as iniciais são destacadas pela cor diferente.

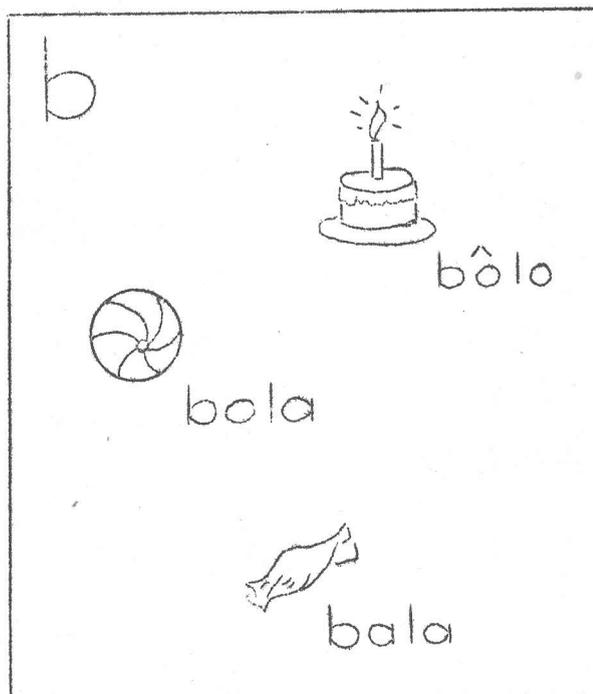
- Usar fichas com palavras para que as crianças reu-
nam as que tiverem a mesma letra inicial.
- Pedir à criança que marque as palavras que começam
como a primeira.

Exemplo:



- Organizar um vocabulário ilustrado, em que cada pá-
gina possui gravuras de palavras com o mesmo som i-
nicial.

Exemplo:



Utilizando palavras conhecidas, desenvolvemos exercícios silábicos que favorecem a criança a sentir a função da vogal e da consoante, a qual precisa estar acompanhada de uma vogal. Levamos a criança a observar a combinação de uma consoante a várias vogais e a de uma vogal a diferentes consoantes.

Exemplos:

mala mata
mola gata

Os dígrafos, os encontros vocálicos e consonantais são ensinados como parte integrante do conjunto visual-sonoro da palavra conhecida; dessa forma, o nh, o ão, são aprendidos como letras de valor sonoro indivisível. No entanto, o caso dos vários valores do x e o de diversos símbolos representarem um único som (como o ç, o ss), não devem ser apresentados para análise, mas restritos à memorização, como casos particulares.

4. Leitura de palavras novas.

- a. Pela composição e decomposição de palavras com fonemas conhecidos.

Estes exercícios são realizados no quadro-negro, acompanhados de leitura oral das crianças.

Exemplo: b o l a
b o l
b o
b
b o
b o d
b o d e

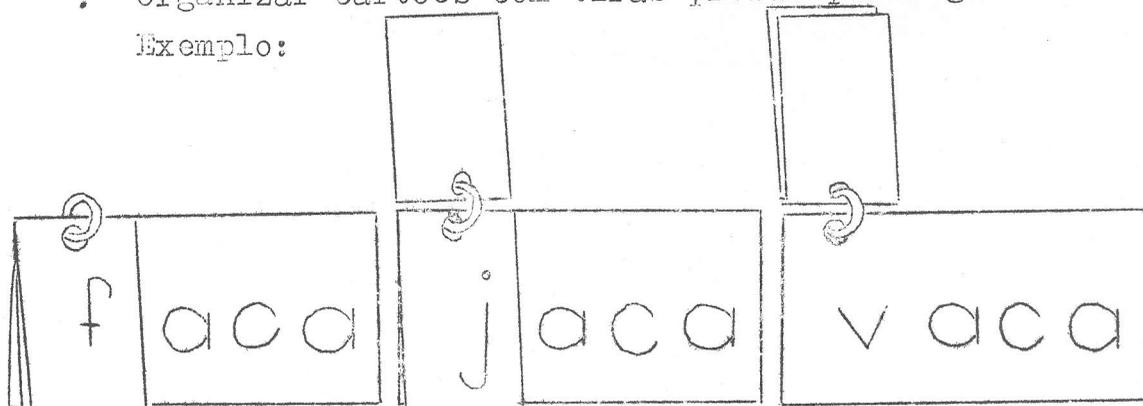
- b. Pela mudança de sentido, com a substituição de uma única letra.

Uma vez aprendida a palavra bola e o valor sônico das letras: m, g, s, c, em outros conjuntos, a criança poderá ler palavras novas, como: mola, gola, sola, cola. Inicialmente, substituímos as letras iniciais, depois as do meio.

Atividades:

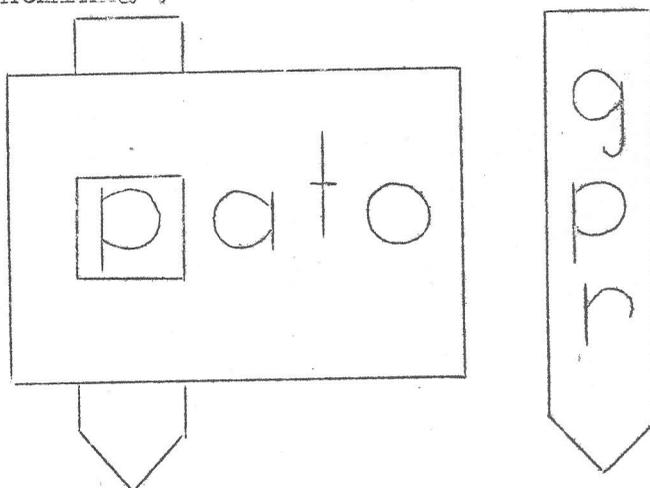
- . Organizar cartões com tiras prêsas por argolas.

Exemplo:



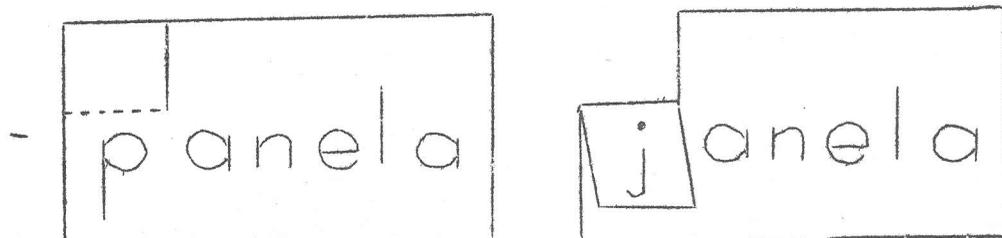
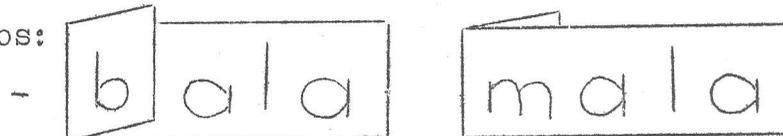
- . Passar o "cineminha".

Exemplo:



- . Apresentar cartões dobrados.

Exemplos:



E S C R I T A

Embora a escrita não constitua um comportamento natural da criança, mas uma imposição do meio, ela se baseia num comportamento natural: o grafismo. Precisamos, portanto, observar o desenvolvimento da criança sob êste aspecto, verificando suas possibilidades de escrita.

Devemos levar a criança a trabalhar com material como: massa de pintura a dedos, massa plástica, tabuleiro de areia, pois permitem a realização de movimentos amplos e ainda apresentam a grande vantagem de não deixar o êrro diante da criança, pois, rapidamente, ela poderá corrigi-lo.

Introduziremos o lápis aos poucos, inicialmente o lápis cêra grosso, mais tarde o lápis prêto nº 2. O papel deve ser, no princípio, tamanho ofício, sem pauta, até que a criança tenha condições de realizar trabalhos em caderno com pauta.

A criança só deve escrever aquilo que compreende, que é capaz de ler, mas pode ler palavras que ainda não sabe escrever. Assim, na etapa inicial, o vocabulário gráfico da criança é bem menor que seu vocabulário de leitura.

A escolha do tipo de letra a ser empregado no início da aprendizagem da escrita é outro ponto sôbre o qual muito se tem discutido.

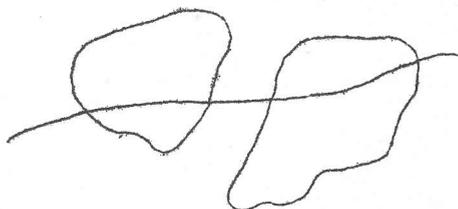
São três os tipos de letras utilizados:

- | | | |
|--------------|---|--------|
| • manuscrito | - | sapato |
| • cursivo | - | sapato |
| • imprensa | - | sapato |

Para nossos alunos, aconselhamos o uso da letra manuscrita, que apresenta as seguintes vantagens:

- requer menor coordenação; seu traçado é mais simples, exige menor esforço, pois consta apenas de linhas retas, circunferências e partes de circunferência;
- é mais legível, deixando que a criança perceba onde uma letra acaba e começa a outra; a letra cursiva dificulta a aprendizagem, uma vez que compõe a palavra numa linha contínua, e as ligações formadas modificam a grafia das letras, fazendo com que ora comecem num ponto, ora se confundam com a letra seguinte.

Exemplo: vestido escola



Na figura ao lado, é difícil percebermos o número 4, pois suas linhas continuam com outras formas.

A dificuldade da letra cursiva faz com que o professor explique a seqüência de movimentos através de explicações verbais, como: "a mãozinha sobe, desce, dá uma voltinha..." A letra, em vez de ser associada ao som respectivo, lembra os comentários feitos em relação aos movimentos da escrita.

- é mais familiar à criança, pois se assemelha à letra de imprensa, que ela encontra em livros, jornais, anúncios ...
- o relacionamento do símbolo visual da letra com o som correspondente é facilitado se não houver ligações entre as letras. Utilizando a letra cursiva, o aluno copia o aspecto visual da palavra sem associar a formação sucessiva das letras à seqüência sonora,

Ensinamos à criança não somente a forma, mas também a seqüência correta dos movimentos. A organização da turma em grupos, realizando diferentes tarefas, muito nos ajudará no atendimento a grupos menores que estejam aprendendo a escrever.

A seguir, apresentaremos o alfabeto em letra manuscrita.

Alfabeto manuscrito - "script"

• maiúsculas :

A B C D E F G H

I J L M N O P Q

R S T U V X Z

• minúsculas :

a b c d e f g h i j l m

n o p q r s t u v x z

Depois que a criança apresentar certo grau de maturidade, podemos levá-la à transferência da letra manuscrita para a cursiva; para isso, explicamos que há uma forma diferente de escrever, em que as letras de uma mesma palavra são tôdas unidas. Escrevemos a palavra em letra manuscrita, com giz branco e ligamos as letras com giz de côr. Mostramos, finalmente, como conseguimos a inclinação das letras pela inclinação do papel.

boneca boneca boneca

As experiências iniciais do aluno na escrita são informais, surgidas de situações de classe; uma criança, ao desenhar, pode pedir para escrever seu nome no trabalho; fazemos, então, um modelo para que êle o copie. Assim, paulatinamente, a criança passa da cópia para a escrita, atravessando fases, que podemos resumir em:

- escrita por imitação do professor; a criança segue, na carteira, os movimentos executados pelo professor, no quadro-negro;
- cópia de palavras, frases ou textos simples, escritos no quadro-negro ou em fôlhas de papel; a criança, nesta etapa, é capaz de realizar os movimentos necessários à escrita, seguindo a direção do traçado das letras, mas ainda não memorizou a sua forma;
- escrita independente; a criança escreve sòzinha, sem precisar de modelo, sendo supervisionada pelo professor sòmente quando necessário. Nossos alunos sentem grande dificuldade em atingir a esta fase, havendo muitos que nunca o conseguem.

Desde o início, a escrita deve exercer a função significativa que ocupa na vida social. É um grave êrro submeter crianças analfabetas a exercícios extensos de escrita, como a cópia do cabeçalho,

que só geram cansaço e desinterêsse. O aluno será levado a escrever em atividades de curta duração e sempre em caráter funcional.

Atividades:

- . Escrever o próprio nome nos trabalhos realizados, nos objetos que lhe pertence.
- . Assinar seu nome em recados, bilhetes ou cartas escritas em colaboração.
- . Escrever títulos em seus desenhos ou em gravuras.
- . Escrever o nome de uma figura desenhada.
- . Organizar álbum com gravuras e escrever seus nomes.
- . Copiar uma história por êle ditada ao professor.
- . Escrever programas para comemorações.
- . Copiar quadrinhas.
- . Escrever planejamentos para execução de determinada tarefa, como uma excursão.
- . Copiar receitas simples.

Uma vez dominado o mecanismo da escrita, a criança alcançou o instrumento essencial de auto-expressão e comunicação de idéias.

BIBLIOGRAFIA

- . As Crianças Aprendem a Ler - Magdala Lisboa Bacha e Luella M. Keithahn
- . Currículo Primário Moderno - William B. Ragan
- . Educación de los Niños Anormales - Alice Descoedres
- . Ensinando à Criança - Alayde M. Marcozzi, Leny Werneck e Marion V. B. Sá Rêgo
- . Leitura na Escola Primária - Juracy Silveira
- . Metodologia do Ensino Primário - Theobaldo Miranda Santos
- . Súmulas:
 - / A Escrita na Escola Primária - Pesquisa Experimental - Arlete Santos, Heloisa Marinho e Maria Dulce Fucs
 - / A Psicologia e o Ensino da Leitura - Consuelo Pinheiro
 - / Fases do Ensino da Leitura e Escrita - Período Formal - Edna Barroso Sarmento
 - / Método Funcional da Aprendizagem da Leitura - Heloisa Marinho
 - / Métodos de Ensino da Leitura - Heloisa Marinho e Marina Ressone
 - / Música para o Retardado Mental - Doris Hoyer de Carvalho
 - / Problemas do Ensino da Linguagem e da Matemática nas Classes Especiais - Consuelo Pinheiro e Idalina Ferreira

GUANABARA. Secretaria de Educação e Cultura. Departamento de Educação Primária. Seção de Ensino Especial. Setor de Deficientes Mentais. // A Alfabetização nas classes especiais de AE. // Rio de Janeiro, 1967. // 31 f. // mimeogr. (Publicação 1/67)

COLA/PROMPTING

17730